

1º ATO

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA. CAI EM B/G. FUNDE COM CARRIÃO BATENDO
3 BATAJADAS AO LONGE. MÚSICA SUAVE E TRISTE PARA FUNDO DE NARRAÇÃO.

Celso - (profundamente amargurado) Três horas da manhã... Tudo é silêncio!...
Uma densa e pesada neblina dança, desesperada, e sarabanda do orquestra,
tornando mais frio e mais negro o silêncio da noite sem estrelas!...
Cansado de me debater nas garras de uma insônia cruel e sem remédio, aqui
estou, nesta sala, a fumar um cigarro atrás do outro, na esperança de
afastar dolorosos pensamentos que há um ano, constante e implacavelmente,
me perseguem! Um ano!... Sim, vai fazer precisamente um ano que ela não
veu!... Minha mãe!... Olho o teu retrato e sinto uma angústia terrível
por tudo que aconteceu!... (Exaltação concentrada) Acusá-me um filho
profundo por Diana, porque foi ela, só ela, a culpada de tudo. Sinto im-
petos ferozes de castigá-la... de maltratá-la... de verberar o seu infâmico
procedimento... de fugir para bem longe e abandoná-la para sempre!...
Mas são ainda os teus olhos, mãezinha, os olhos do teu retrato que logo
me fitam com megoada ternura, como que a suplicarem que eu me contenha,
que não faça nada... que esqueça e perdoe... como tu nos perdoaste!...
Às vezes, até, quando parece que sentes que se vão romper as amarras que
me prendem a este tormento em que se tornou a minha vida ao lado de Dia-
na, ainda és tu que intercedes, porque eu sinto quando a tua mão invisível
vem me afagar os cabelos e os teus lábios amorosos me segredam palavras:

Constança - (velha, em surdina, toda suavidade e ternura) Acalma-te, filho querido!
Lembra-te das tuas filhas, minha netas... São duas mocinhas, quasi. Elas
precisam de ti... e tu precisas estar ao lado delas!

Celso - (desespero contido) Oh, sim, que se não fossem minhas filhas! Se não fosse
sem elas!... Que remorso, meu Deus! Que remorso terrível!... Como pude
consentir que o orgulho e a maldade de Diana anulassem completamente - e
por tanto tempo - os meus sentimentos e deveres para contigo, mãezinha?!
E tu foste de uma bondade evangélica! De uma resignação sem limites! De um
heroísmo e de uma coragem inexcedíveis!... (Pausa a son) Quasi um ano é
decorrido e eu não me canso de recordar, dia por dia, os acontecimentos
todos que me arrastaram a esta estrada de espinhos onde me encontro por

Alô!... (Pausa e tom) Éra uma noite escura e fria, como esta. De repente... rasgando o pesado silêncio da noite, (afasta) a campainha do telefone tilintou...

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO MUSICAL.

CONTRA REGRA . TRES OU QUATRO CHAMADAS DE TELEFONE.

Diana - (acordando) Celso, o telefone, Celso. Atende-o depressa, antes que as meninas se acordem.

Celso - (acordando, sobresaltado) Han? que foi?

Diana - O telefone, aí ao seu lado. Depressa antes que ele acorde as meninas que estudaram até tarde e precisam levantar cedo.

CONTRA REGRA - OUSSA AS CHAMADAS, LEVANTA FONE DO GANCHO.

Celso - (atendendo) Alô!... Quem fala? (Pausa) Sim, é o doutor Celso mesmo que está falando. Quem é que... (Pausa) Como foi que o senhor disse? (Pausa) É o senhor... o senhor tem cortesia absoluta que é alô? (Pausa) Está bem, obrigado. Eu vou providenciar imediatamente.

CONTRA REGRA - RUÍDO DE BOTAR FONE NO GANCHO.

Diana - (assustada) Que foi, Celso? Alguma coisa com minha mãe?

Celso - Não, Diana, com a sua, não. Foi com minha mãe.

Diana - (má vontade) Que tem ela? Está doente?

Celso - Não, Diana, ela... ela matou um homem!

OPERADOR - BOMBA TRÁGICA, SEM CORTAR A CENA.

Diana - Que foi que você disse?!... Sua... sua mãe matou um homem?!...

Celso - Foi o que acabaram de me avisar, neste momento.

Diana - (Pausa) Onde é que você vai?

Celso - Vou até lá, Diana.

Diana - Para quê?

Celso - Bem... preciso ver o que houve... Você compreende... se me avisaram... talvez ela tivesse pedido...

Diana - E que espera ela que ^{você faça?} ~~matasse~~ Presará que você poderá livrá-la da prisão porque é advogado?

Celso - Bem, não sei, mas... de qualquer forma...

Diana - De qualquer forma você não irá se envolver nessa questão porque eu não vou servir.

Celso - É minha mãe, Diana.

Diana - Sua mãe!... É sua mãe, sim, mas que fez ela, até hoje, ainda envergonhá-lo?

Celso - Bem, Diana, eu... eu não pretendo discutir esse ponto... apenas acho que...

Diana - (Corta) Deixe tudo como está e não se meta. Se soubesse o seu nome ou a sua fotografia no jornal, eu morreria de vergonha. Não teria mais coragem de olhar para nenhum dos nossos amigos. (TOM) E além disso as nossas filhas ainda poderiam vir a sofrer as consequências desse fato, mais tarde. Se você não for lá, ninguém ficará sabendo que ela é sua mãe e estaremos livres dessa vergonha e dessa humilhação tão grandes.

Celso - Está bem, Diana, eu... eu confesso que não havia me lembrado disso...

Diana - Deixe que ela se arrume sozinha como puder. Senão ventos... que colha as tempestades.

OPERADOR - ENTRA COM MUSICA DE NARRAÇÃO EM B.G.

Celso - É só pela covardia de lutar contra Diana e pelo temor de expor o meu nome ao julgamento de uma sociedade hipócrita e egoísta, que te abandonei, minha filha, à tua própria sorte. Nem sequer tive a generosidade de, mais tarde, oculta e anónimamente, ir ao Reformatório de Mulheres saber de ti mesma as razões que te haviam arrastado àquilo ato de desespero. Só pelo jornal, com qualquer curioso ou indiferente, tomei conhecimento de uma parte muito restrita da tua tragédia. E, a ainda Diana que lia e comentava os fatos, fazendo suposições.

OPERADOR - SUSPENDE FUNDO MUSICAL

Diana - Dona Constança não quis revelar à polícia as razões que a levaram a cometer o crime. Limita-se a confessar o seu delito e dizer-se disposta a enfrentar as consequências. Desse modo não será possível salvar-se. Tanto mais que ela foi encontrada dentro do quarto do tal homem, ainda com a revólver na mão.

Celso - Eu não consigo atinar com as razões que ninguém pudesse ter para fazer uma coisa dessas.

Diana - E nem canse a sua cabeça em procurá-las. Que sabia você da vida particular de sua mãe, se viviam completamente isolados um do outro? (TOM) É claro que você nunca teve culpa disso. Ela, já quando o deixou menina ainda em casa dos meus pais, foi porque desejou libertar-se de você e viver independente a sua vida.

Celso - Poderia ter sido por necessidade, Diana, ou quem sabe... visando para mim um futuro melhor.

- 4
- Diana - Não creia. Eu nunca quis falar a você nesse assunto, porque... bem, de qualquer forma ela é sua mãe... é sempre desagradável um comentário qualquer, tanto para você como para mim, mas quando nós começamos a nos gostar, eu me lembro perfeitamente de tudo que mãe me disse a esse respeito...
- Palmira - Minha filha, eu preciso falar seriamente com você. Eu e seu pai temos observado que você e Celso parecem muito inclinados um pelo outro, não é?
- Diana - Sim, mãe, é verdade. Eu não quero negar a você que me sinto completamente apaixonada por ele. Você... tem alguma objeção a fazer?
- Palmira - Bem, eu... eu também não posso negar que ele é um rapaz muito correto e cumpridor dos seus deveres. Além disso, dentro de dois anos estará com o seu título de advogado. É um tipo bonito de homem... muito inteligente, mas... há uma coisa que você talvez não saiba: ele é filho de uma simples empregada doméstica.
- Diana - Eu já sabia, mãe. Ele mesmo me contou tudo: que sua mãe foi empregada da nossa casa e que alguns anos depois d'eu haver nascido, mudou de emprego e deixou-o com vocês.
- Palmira - Foi. Seu pai ofereceu-se para educá-lo e ela - que não fazia muito caso do filho e ansiava por completa liberdade - aceitou na mesma hora o oferecimento.
- Diana - E você acha que isso seja razão para que eu despreze o Celso, mãe?
- Palmira - Bem... claro que não é caso para tanto, mas eu não posso deixar de lhe dizer que sonhava para você um rapaz que trouxesse, também, um nome de família respeitável.
- Diana - Ele é tão bom, mãezinha... tão correto comigo... eu tenho a impressão de que vou ser muito feliz ao lado dele.
- Palmira - Não duvido. Acredito mesmo que você o seja, mas terá que atentar muito para uma recomendação que lhe vou fazer: procure sempre distância da mãe dele. Evite qualquer aproximação tanto da sua parte como da parte do Celso, principalmente depois que estejam casados.
- Diana - Por que, mãe? Ela... ela será uma mulher indigna?
- Palmira - Bem... não se poderá dizer que ela seja, por exemplo, uma decaída, mas a verdade é que as suas atitudes nunca foram muito claras, entende? Deixaram sempre dúvidas no meu espírito. Muitas dúvidas mesmo. (Ponta de raiva) Seu pai é que - não sei porque - sempre a defendia. Dizia-me malicioso e desconfiado, mas a verdade é que as mulheres, neste particular, tem um

sexto sentido que nunca as engana. E ela não era trigo limpo. Cancei-me de surpreender-lhe atitudes suspeitas. Além disso... só o fato de procurar se desvencilhar do filho sem nenhuma relutância...

Diana - Ouça, mãe, - papai como encara a possibilidade do nosso casamento?

Palmira - Não se mostra nada conforme com a situação, pelo contrário, parece até muitíssimo desagradado.

Diana - Pois sabe que isso me surpreende bastante? Eles são tão amigos e se que-
ram tanto... eu às vezes chego até a pensar que se Celso fosse realmente
filho de papai que não poderia ser mais querido por ele.

Palmira - (aflui a eterna desconfiança) Não é isso? Você também percebeu, minha
filha? Também acha exagerada a maneira... (Corta súbitamente)

Diana - (depois de esperar) Á Continue, mãe. Que é que você ia dizer?

Palmira - (cai em si) Não, nada, minha filha... nada... tolices que às vezes ocor-
rem à cabeça da gente, sem nenhuma razão. Deixemos isso de lado e não nos
preocupemos mais com seu pai. Si ele se dispuser a fazer realmente oposi-
ção, eu encontrarei um argumento poderoso para fazer com que ele se cale.

Diana - (volta ao diálogo com Celso) Dessa conversa com minha mãe deduzi que de-
na Constança tivera uma vida irregular na sua mocidade e tratei, desde
logo, a agir de maneira a que você cada vez mais se afastasse dela. Ho-
je, mais do que nunca, bendigo o instante em que minha mãe me alertou
contra ela. Com que cara estaríamos nós, agora, diante dos nossos amigos,
depois dessa coisa horrível aqui no jornal? E ainda bem que ela teve a
prudência de não mencionar o seu nome durante o interrogatório da polí-
cia. Esse era o meu grande medo. Cheguei a passar a noite toda em claro,
pensando nisto.

Celso - Ela fez questão de me deixar de parte. Percebe-se isso claramente, quan-
do ela declara que não tem família.

Diana - Eu só peço a Deus que ela continue a dizer o mesmo até ao fim do proces-
so. (TOM) Conheces o advogado que se ofereceu para defendê-la?

Celso - Tenho a impressão de que já lho fui apresentado, numa das reuniões do
nosso centro. O nome dela, pelo menos, não me é estranho.

Diana - Não seria prudente que o procurasses, para evitar qualquer surpresa des-
gradável?

Celso - Não sei, Diana... Parece-me que o melhor de tudo é continuar completamen-
te afastado da questão. O meu interesse pelo caso poderia levantar sus-

peitas, parece-me.

Diana - Tens razão. Em todo o caso, se tiveres oportunidade de avistar-te com ele, simulando um interesse apenas profissional, poderás tocar-lhe no assunto, para ver o que ele sabe e o que pretende.

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA DE NARRAÇÃO EM B/G.

Celso - (monologando) E naquele tempo, mãezinha, sago que estava e envenenado pelas constantes insinuações de Diana contra ti, cheguei a dar graças ao Céu por não ter sido envolvido no rumoroso processo que te condenou a quinze anos de prisão!... Hoje... como me arrependo da minha ingratidão e da minha miserável covardia!... Ah que se eu tivesse sabido de toda a verdade!... Como me teria corrido logo em teu socorro!... Como teria ido imediatamente ao teu encontro para oferecer-te, naquela hora de agonia cruciante, o refúgio amigo dos meus braços fortes!... Como teria assonado à tribuna, desassombadamente, para gritar bem alto ao jurados que deveriam absolver-te ou condenar-te: (alto, quasi gritando) "Essa mulher é minha mãe e matou aquele homem em defesa do meu lar e do meu nome que ele buscava, a qualquer preço, destruir!"

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO PRIMEIRO ATO/.

LOGUTOR - PUBLICIDADE

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O 2º ATO. FUNDO COM CARRETIÃO ABASTADO QUE JATE AS QUATRO HORAS DA MANHÃ. FUNDO MUSICAL EM B/G.

Celso - Quatro horas da manhã!... Não posso mais estar sentado.

CONTRA REGRA - ALGUNS PASSOS SEMPRE À MESMA ALTURA DO NEGRO.

Celso - (Cortina, sem dar atenção à contra regra) Vou à janela e olho a noite lá fora... Silêncio!... Sempre o mesmo silêncio envolvendo tudo!... Que tristeza pesada e sufocante se abate sobre mim! Meu coração pula, insensato, chã em cima, na garganta, numa pulsação deslocada de agonia interior! Há na minha impassibilidade aparente a opressão de uma angústia reprimida! Uma dor animal, devoradora, enorme, contrai todas as minhas veias, todos os meus nervos, todos os meus sentidos! Não há lágrimas na minha dor, nem gritos na minha revolta. Há o desespero mudo e constante daquele olhar de mãe, oca enternecida que derrama sobre o meu coração o retrato de minha mãe!...

CONTRA REGRA - MAIS ALGUNS PASSOS SEMPRE À MESMA ALTURA DO NEGRO.

Celso - Volto a encolher-me na poltrona e a percorrer novamente o caminho de abrolhos do meu remorso desesperado! E novamente embrenho-me no passado, naquelas

la noite terrível em que, transcorrido quasi um ano de prisão para minha mãe...

CONTRA REGRA - CAMPAINHA DE TELEFONE CHAMANDO TRES OU QUATRO VEZES. GANCHO.

Celso- (atendendo sonolento) Alô! (Pausa) Sim, é o doutor Celso, mesmo, quem está ao telefone. (Pausa) Como? (Pausa) Minha mãe? (Pausa) Mas... quem é que fa la aí? (Pausa) Bem, mas o senhor terá que concordar que eu não posso acoi tar, de um anônimo, um aviso dessa natureza. (Pausa) Como? Telefonar a es ta hora da noite para o Reformatório? Não é possível, meu amigo. O senhor terá que dizer-me quem é, ou não darei importância alguma ao seu aviso. (Pau sa) Bem, mas acontece que... (transição) Alô! Alô!...

CONTRA REGRA - RUIDO DE QUEM BATE VÁRIAS VEZES NO GANCHO.

Celso- (quando cessa de bater) Alô! (Pausa) Desligou.

CONTRA REGRA - COLOCAR FONE NO GANCHO.

Diana- Quem era?

Celso- Uma voz de homem avisando-me que minha mãe está morrendo.

Diana- Mas quem te lhe falou? O Diretor do Reformatório? Algum guarda?

Celso- Não sei. Quando procurei identificá-lo, desligou o aparelho.

Diana- Então é mentira. Alguma brincadeira de mau gosto. Ninguém daria um aviso dessa espécie, sem dizer quem era ou de onde estava falando.

Celso- (depois de pausa) Sabe, Diana? Pareceu-me... a mesma voz que he um ano atrás me deu aquele aviso misterioso, por ocasião do crime que ela cometera.

Diana - (Pausa) Vocês... vocês pensa ir até lá?

Celso - Não sei. Estou tão desorientado... tão indeciso...

Diana- Pois eu penso que pelas mesmas razões anteriores você não deve nem pensar em aparecer lá.

Celso - Bem, Diana, mas agora é diferente...

Diana - Já sei o que vai dizer e compreendo que não é fácil para você, mas lembre-se que é necessário que assim proceda para salvaguardar o futuro de suas filhas, entende?

OPERADOR - ENTRA COM MÚSICA PARA NARRAÇÃO.

Celso - (monologando) E tá norreste, mãezinha, sem que eu tivesse estado do teu lado, para recolher o teu último beijo... ou a tua última lágrima!... Nem sequer o teu esquife eu fui levar ao Campo Santo!... E só passados alguns dias de tua morte, quando o pai de Diana encontrou uma oportunidade para falar-me a sós, foi que eu abri meus olhos para a injustiça terrível que praticara contra ti!

- Atilio - Celso, eu pedi a você que viesse ao meu escritório para que você me desse uma explicação qualquer com referência ao seu procedimento com sua mãe. Você sabe que eu nunca interferi na maneira como você deveria tratá-la. Beijei-o, sempre, inteiramente à vontade, nesse particular, não é verdade?
- Celso - É, sim, seu Atilio.
- Atilio - Pois bem, agora eu devo dizer a você que, pela segunda vez, a sua atitude com sua mãe chocou-me profundamente. Digo segunda porque isso já acontecera uma vez, quando ela foi condenada pela morte de um homem e você não teve a coragem de levar-lhe uma palavra de conforto, ou um gesto de carinho. Eu, ainda que decepcionado com você, resolvi calar e não lhe dizer nada. Desta vez, no entanto, a sua falta me pareceu tremendamente pior e eu não pude silenciar. Sua mãe morreu e foi enterrada sem que você tivesse tido a generosidade de levar-lhe um beijo de despedida, ou de acompanhar-lhe o corpo à sua última morada. E das duas vezes eu sei que você foi avisado em tempo. Como quero um bem muito grande a você, não deixo de guardar comigo a impressão que me ficou e peço-lhe esta explicação na esperança de que ela modifique o juízo que estou fazendo.
- Celso - (depois de pausa, embaraçado) Seu Atilio, eu... eu talvez tenha procedido indignamente... ou dizendo melhor... covarde e egoisticamente. Bem... talvez não seja muito elegante procurar tirar dos meus ombros o peso maior da minha culpa para... para depositá-lo sobre os ombros de sua filha, mas... a verdade é que se não fossem as alegações de Diana, eu talvez, num e noutro momento, tivesse esquecido as culpas e os pecados de minha mãe e tivesse corrido em seu auxílio, da mesma maneira como se ela tivesse procedido sempre com honradas e dignidade.
- Atilio - Cale-se, por favor! Você não sabe o que está dizendo! Quem lhe envenenou dessa forma contra sua mãe?!
- Celso - Quem poderia ser senão Diana?
- Atilio - Diana conhecia sua mãe muito superficialmente. Não se afitou com ela mais do que breves instantes nas espaçadíssimas visitas que ela lhe fazia a você nos dias de Natal e do seu aniversário, quando levava uma ânua de ovos... uma garrafa de mel... um pacote de biscoitos... Que poderia Diana saber da vida passada de sua mãe a ponto de achar-se no direito de fazer o que fez?
- Celso - Disse-me ela que tudo lhe foi contado por dona Palmira.

Atilio - (depois de pausa) Bem, Celso, eu vou dizer a você algumas coisas que nunca disse e que ainda hoje não lhe diria se não fosse a obrigação em que me sinto de fazer com que você se reconcilie, ao menos com a memória de sua mãe. Façamos o tempo retroceder até à sua meninice, quando sua mãe enviuvou súbitamente e, vendo-se a bracos com as maiores dificuldades, teve que abandonar a sua posição de dona de seu lar para se tornar uma empregada doméstica em nossa casa. Naquale tempo...

OPERADORA - CORRIEIRO DE HARPA.

Palmira - (mais moça) Constança, recolha aqueles livros que o Celso deixou em cima daquela mesa e ponha-os na prateleira.

Constança - Sim senhora.

Palmira - Leve também o fortificante dele lá para dentro e faça com que ele tome uma colher.

Constança - Ele não quis tomar durante o jantar?

Palmira - Não foi isso. Eu é que me esqueci de dá-lo. (TOM) E como é? Afinal você está mesmo resolvida a nos deixar no fim do mês?

Constança - Não é porque eu esteja resolvida, dona Palmira. Eu já lhe expliquei os motivos.

Atilio - Que há? Constança não está satisfeita em nossa casa?

Constança - Não é isso, seu Atilio, que esperança!... Estou até muito satisfeita. Basta o meu filho ser tratado da maneira que é.

Atilio - Pois então...

Constança - A questão é que... bem, toda a ambição do meu marido era que Celso estudasse, conquistasse um título e se tornasse uma figura de relevo dentro da sociedade. São ilusões que todos os pais têm para com os filhos, eu compreendo, mas de qualquer maneira, quando ele morreu, eu prometi a mim mesma fazer os maiores sacrifícios para que um dia esse desejo fosse realizado. O senhor compreende... o menino já está em idade de começar os estudos e eu já sou obrigada a procurar outro meio de vida que me permita ganhar mais e custear os seus estudos.

Atilio - E já conseguiu esse outro emprego?

Constança - Já, seu Atilio. Uma antiga vizinha me apresentou ao dono de uma fábrica de bolsas, que é amigo do marido dela, e pediu-lhe, com empenho, que me arrumasse qualquer coisa lá. Ele prometeu se interessar pelo assunto e agora mandou me avisar que no fim do mês vai se dar uma vaga no escrit

tório e que eu podia me apresentar.

Atilio - Mas você não acha que o trabalho no escritório vai ser muito mais difícil do que o que você faz aqui em casa?

Palmira - Foi justamente isso que eu disse a ela.

Constança - Bom, não tem dúvida. O senhor e dona Palmira estão com a razão, mas o caso é que o meu ordenado também vai ser o dobro do que eu ganho aqui e eu necessito muito desse dinheiro para começar a educar o meu filho.

Atilio - Ouça, Constança: e se nós lhe propussemos custear a educação do menino, você não ficaria conosco?

Constança - Bem... aí eu não teria nenhuma dúvida. Resta saber, agora, se dona Palmira estará de acordo com o senhor.

Palmira - Por que não? Você nos serve bem... o menino já se afeiçoou a nós e nós a ele... O que vamos gastar, afinal, não representa nenhum sacrifício, logo...

Atilio - Aceita a nossa proposta, Constança?

Constança - (depois de pausa, emocionada) Está bem. Aceito e agradeço, do fundo do coração.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Atilio - (contando) Você começou a frequentar o Grupo Escolar, depois o Ginásio... e finalmente a Faculdade. Ao tempo em que começou a frequentar o Ginásio, foi que Diana nasceu. Minha mulher logo se dedicou inteiramente à menina, esquecendo-se de você. Eu, para compensar essa diferença, comecei justamente a dobrar as atenções e cuidados para com você. (TOM) Sobre o nascimento de Diana há uma particularidade interessante que mais adiante eu lhe revelarei.

Celso - Uma particularidade, diz o senhor? A respeito de que?

Atilio - Espere que mais adiante você vai saber. Deixe-me prosseguir. Quando Diana já estava para completar quatro anos, foi que sua mãe deixou a nossa casa. Lembro-me perfeitamente quando ela foi me falar sobre o assunto.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Constança - Não posso mais, seu Atilio! Não posso continuar aqui, presenciando, diariamente, as discussões de dona Palmira com o senhor por causa do meu filho.

Atilio - Não faça caso das tolices de Palmira. Ela sente ciúmes por Diana, pelo fato de achar que eu quero mais ao Celso do que à menina. Não dê ouvidos às suas aranhas e deixe que a vida continue.

Constança - Não é possível, seu Atilio. Como vou permanecer indiferente, principalmente às coisas que ela diz? Quando elas não passavam de simples manifestações de ciúmes pela menina, eu me aborrecia mas ficava quieta. Agora, no entanto, ela deu para achar excessivo o seu carinho pelo meu filho e a fazer insinuações que me rebaixam e me ofendem.

Atilio - Insinuações?! Que espécie de insinuações?

Constança - Bem, eu vou lhe pedir que não fale nada a ela, mas já por duas ou três vezes, ela mostrou desconfiança quanto à verdadeira paternidade do meu filho.

OPERADOR - ACORDE EM FUNDO, SEM CORTAR A OBRA.

Atilio - Como foi que você disse?!... Não é possível!... Palmira deve estar completamente louca!...

Constança - Torno a lhe pedir que o senhor não fale nisto a ela. Deixarei a sua casa no fim desta semana e ainda que me custe muito estar separada de meu filho, se o senhor quiser continuar com ele aqui...

Atilio - (em tempo) Mas claro que quero, Constança. Prometi a você que o educaria e hei de fazê-lo, custe o que custar.

Constança - (comovida) Obrigada, seu Atilio. Deus há de lhe recompensar por tanta bondade! Vou sofrer e chorar muito a falta de meu filho, mas darei por bem empregadas as minhas lágrimas quando ele tiver o seu título. Uma coisa, ainda, eu quero pedir ao senhor: se ele estiver sendo aqui um motivo de discordia entre o senhor e dona Palmira, que o senhor assumo consigo o compromisso de m'o devolver.

Atilio - Pode estar inteiramente descansada, Constança.

Constança - E mais uma vez eu lhe agradeço, de fundo d'alma, os benefícios que tem feito ao meu Celso e o carinho verdadeiramente paternal que lhe tem dispensado. E só porque sei que o senhor o quer tanto é que me animo a deixá-lo, porque tenho certeza de que, mesmo hostilizado por dona Palmira, ele estará melhor aqui do que ao meu lado.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Atilio - (contando) E lavada em lágrimas as mais amargas, sua mãe nos deixou, quatro dias depois desta conversa que acabei de lhe contar. Palmira não hostilizou você, como esperavamos, mas passou a hostilizar a sua pobre mãe, privando-a até mesmo de encontrar você em casa aos domingos, que éram os únicos dias que a coitada dispunha para vir visitá-lo. (Pausa e tom)

Os anos foram passando... você e Diana crescendo e se fazendo moços. Andavam sempre juntos, para toda a parte. Um dia... percebi que se gozavam e fiquei seriamente contrariado. Você talvez tivesse ficado magoado com a minha oposição, mas eu tinha sérios motivos para não desejar esse casamento. E sabe por que?

Celso - Não. Até hoje estou sem saber.

Atilio - Pois vai saber agora. Aqui é que entra a particularidade que eu me referi, ha pouco, quando falei no nascimento de Diana. Prepare-se para uma revelação tremenda. Uma revelação que eu lhe deveria ter feito antes do seu casamento, mas que não o fiz porque Palmira se opoz com tamanho ímpeto que eu acabei me acovardando e guardando silêncio.

Celso - Fale, seu Atilio, fale. Eu estou à espera dessa revelação com ansiedade.

Atilio - (depois de pausa) Diana... não é filha legítima de Palmira!

OPERADOR - PANCADA MUSICAL DE GRANDE ESPRITO, RÁPIDA SEM CORTAR A CENA.

Atilio - (Nova pausa) Você... nunca suspeitou; não é verdade?

Celso - (depois de pausa, abafado) Nunca!

Atilio - É que nós tivemos sempre o máximo cuidado de ocultar isso a todos. Além de nós, uma velha empregada do meu escritório e da verdadeira mãe de minha filha, sua mãe era, talvez, a única pessoa que sabia desse fato. Pois bem, ou... eu não desejava o seu casamento com Diana, porque temia - e muito - que ela pudesse ter herdado a tara de sua desgraçada mãe, entendeu?

Celso - (sturdido) A tara... a tara de sua desgraçada mãe!... Mas... quem era a mãe de Diana, afinal?

Atilio - Uma mulher de grande beleza, mas... despidida do menor sentimento de pudor ou dignidade!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA DO TERCEIRO ATO, FUNDE COM MÚSICA DE NARRAÇÃO

Celso - (monólogo) Diante da inesperada revelação de meu Atilio, senti crescer, ainda mais, no meu peito, a revolta que nele se abrigava contra Diana. A minha origem era apenas humilde, ao passo que a dela... era rasteira e indigna. Por que motivo, então, aquele desprezo e aquela implicância tão grandes contra minha mãe? Pobre mãezinha! Lembro-me, ainda, do meu primeiro aniversário, depois do casamento. A casa estava cheia de casais amigos, gente de representação na sociedade...

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA, FUNDE COM MÚSICA ALEGRE QUE PERMANECE EM B/G.

ESTÚDIO - VOZES E RISOS DISCRETOS. AMBIENTE DE FESTA ÍNTIMA DE POUCA GENTE.

Diana - (meia voz) Vai lá na copa que tua mãe está aí para te dar um abraço. Vê se consegues que ela vá embora logo, porque não fica direito abandonares os convidados por muito tempo.

CONTRA REGRA - PASSOS SEMPRE À MESMA ALTURA DO MICRO POR ALGUM TEMPO. OS RISOS E AS VOZES VÃO SE APAGANDO AOS POUCOS, PARA DAR A IMPRESSÃO QUE CELSO AFASTA.

OPERADOR - ACOMPANHA A RETIRADA DE CELSO, APAGANDO A MÚSICA ATÉ DEIXÁ-LA BEM BAIXA.

Constança - Oh, meu filho, um abraço! (Pausa) Desculpa eu ter vindo tão tarde, mas só pude sair do escritório da fábrica às oito horas. Não podia vir com a roupa de serviço. Até que fôsse em casa comer alguma coisa e botar um vestido melhor... depois esses bonde demoram tanto...

Celso - Não tem importância, mãe.

Constança - Desejo, de coração, que você continue feliz como até hoje, ao lado da sua mulher e das suas filhas. Elas estão bem? Ainda não as vi.

Celso - Deitaram-se mais cedo hoje.

Constança - Óra que pena! Eu tinha tanta vontade de vê-las! Quasi não posso vir...

Celso - Como vamos receber uns amigos, Diana achou melhor que elas se recolhessem mais cedo. Diz que as crianças sempre fazem muita confusão nesses momentos.

Constância - (Depois de pausa) Olhe. Não repare, sim, meu filho? Uma dúzia de ovos bem fresquinhos, para você tomar quentes pela manhã, como você gosta.

Celso - Óra, não era preciso isso, mãe.

Constança - Eu sei perfeitamente que você não precisa de nada, felizmente, mas a mãe tem prazer em trazer sempre alguma coisinha. (Pausa longa) Você dá licença que eu me sente um pouco, meu filho? Vim de pé no bonde, estou tão cansada...

Celso - Bem, sente-se. A questão é que.... é que estou aí com alguns convidados, entende?

Constança - Pois vá atendê-los, meu filho, vá. A mãe só queria dar um abraço em você. Agora vou descansar um pouco os meus pés e depois sairei pela porta dos fundos. Não se preocupe comigo. Vá, vá atender aos seus amigos.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA, FUNDE COM MÚSICA DE NARRAÇÃO EM B/G.

Celso - (Monologando) Eu voltei para a sala e nem fiquei mais sabendo de ti, mãezinha. Provavelmente saíste em silêncio, como havias entrado, sem que qualquer das pessoas da casa te dirigisse uma palavra de despedida ou te

oferecesse alguma coisa. Seu Atilio mesmo, que era o único naquela casa que te queria verdadeiramente bem, amordaçado pelo ciúme e a desconfiança de dona Palmira, estava impossibilitado de fazer qualquer coisa por ti, ou de chamar, sequer, os outros à razão. E diante da revelação desse ciúme, mais uma vez eu fui injusto contigo, mãe querida.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Celso - Diga-me, seu Atilio, não haveria realmente razão nesse ciúme de dona Palmira por minha mãe?

Atilio - Como pode pensar uma coisa dessas de sua mãe, rapaz? Não seja injusto, pelo amor de Deus! Sua mãe foi sempre a mais digna e a mais honesta das mulheres.

Celso - É que dona Palmira falou a Diana em atitudes excusas e misteriosas por parte de minha mãe...

Atilio - Ela talvez tivesse tido atitudes assim, acredito, mas para encobrir falta de outros e não suas próprias faltas. Quer saber? Quando Diana nasceu, a mãe dela - que a deixara vir ao mundo unicamente com a intenção de utilizar-se da menina para fazer chantagem contra mim - mandou em seguida me avisar que assim que saísse do hospital, ~~eu~~ iria levar a pequena à minha casa, para que eu tomasse conta dela.

Celso - Mas então Diana... é verdadeiramente sua filha?

Atilio - Sim, meu rapaz. Eu sou, realmente, o pai de Diana.

OPERADOR - PONTADA FORTE E SECA, SEM CORTAR.

Celso - (depois de pausa) Com a tal mulher que o senhor me falou?

Atilio - Exatamente. Mas voltemos ao caso. Diante da ameaça de Valkíria - assim me chamava ela - eu não tive nenhuma dúvida em concertar um plano para anular a possibilidade dela extorquir-me dinheiro. Recorri à Constança e foi ela quem me valeu. Apresentou-se comigo no Hospital, como sendo minha esposa e mentindo a Valkíria que eu lhe confessara tudo e que ela tudo me perdoara, trouxe com ela a criança, deixando em seu lugar um cheque de vinte contos de reis. Eu pretendia comprar com aquela quantia o neto seco, mas o céu determinara que aquela menina haveria de levar, com ela, o desassossego para dentro de minha casa. Deixei Diana alguns dias em casa da mulher que fazia a limpeza do meu escritório, contei a Palmira uma história de que a criança fôra abandonada na porta da pobre mulher e uma semana depois já ela estava em nossa companhia, como filha também de Palmira.

que, por casualidade, estava a cinco meses doente, sem sair de casa e sem querer receber pessoa alguma. Essa circunstância fez com que todos aceitassem naturalmente a nossa mentira.

Celso - E a mãe de Diana? Não voltou nunca a aborrecê-los?

Atilio - Não teve tempo para isso. Morreu de um desastre de automóvel, dois meses depois de ter deixado o hospital. E o grande paradoxo de toda essa história foi o ciúme terrível de Palmira por sua mãe, pelo fato de desconfiar que você é que fôsse realmente meu filho.

Celso - (Depois de pausa) Mas... e o homem que minha mãe matou? E o seu misterioso silêncio em torno dessa morte?

Atilio - Prende-se, ainda, à história que acabei de lhe contar. Poucos dias antes de desenrolar dessa tragédia, ao regressar do seu trabalho, sua mãe foi bruscamente interrompida por um desconhecido.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Homem - Com licença um momento que eu desejo falar com a senhora, sim?

Constança - Quem é o senhor?

Homem - Quem eu sou não lhe interessa e sim o que lhe vou dizer. A senhora é a esposa do seu Atilio Caprione, não é verdade?

Constança - Eu?! Esposa do seu Atilio?! O senhor está enganado.

Homem - É, sim, eu sei. E sei também o motivo porque está tentando negar. Conheço a história da sua filha Diana nos seus mínimos detalhes.

Constança - A história de minha filha Diana?! (Lembrando-se) Ah, sim, sim, mas... que tem o senhor a ver com essa história?

Homem - Já vou lhe dizer. Eu fui o último amante de Walkiria - a verdadeira mãe da menina - e por duas ou três vezes, antes de morrer, ela me apontou a senhora na rua, dizendo-me ser a pessoa que ela entregara a filha para criar. Nunca mais a perdi de vista e essa circunstância, depois de passados tantos anos, veio a ser providencial para mim.

Constança - Não estou compreendendo porque...

Homem - Já vai compreender. É que nunca me passou pela cabeça que o fato de ser sabedor desse segredo, pudesse, um dia, trazer-me qualquer vantagem. No entanto, hoje, que estou a braços com uma grande dívida de jogo e que de verei resgatar dentro de quarenta e oito horas, encontrando-a por acaso, lembrei-me de que a senhora talvez tenha agora, mais do que nunca, interesse de continuar mantendo sigilo da verdadeira origem de sua filha.

Constança - Não sei porque "agora mais do que nunca". Diana está casada, seu marido sabe de tudo e "justamente agora" a verdade em nada poderá prejudicá-la.

Homem - A ela talvez não, mas ao marido não seria recomendável, no momento, qualquer escândalo em torno do nome de sua esposa.

Constança - Quer quer dizer com isso? Seja claro, por favor.

Homem - A senhora já me entendeu perfeitamente, em todo o caso... não custa fazer-lhe a vontade. Eu estou seguramente informado de que o doutor Celso Dongar - cujo nome figura na lista triplíce para a escolha do próximo novo desembargador - é o marido de sua filha Diana. Eu tenho em meu poder o diário de Walkíria onde ela relata, com todas as minúcias, o romance com o seu marido, o nascimento e a entrega da menina para ser criada por ele. A senhora compreende... esse fato, bem explorado pelos outros dois concorrentes ao cargo, não deixaria de ter a sua influência no espírito do Governador no momento da escolha. Logo... seria talvez mais prudente que esse diário ficasse na sua mão; não lhe parece?

Constança - Bem, mas... quanto quer o senhor por ele?

Homem - O valor da minha dívida são quarenta e seis contos de reis. A senhora me entrega cinquenta, eu lhe entrego e prova em meu poder e está terminado o assunto. (Pausa) Que me diz?

Constança - (depois de pausa) Bem, o senhor compreende que... que eu não posso resolver um assunto destes sem pensar um pouco... Tenho que conversar com meu marido... ver também o que ele pensa... (POM) Façamos uma coisa: o senhor me dá o seu endereço e amanhã à noite eu irei levar-lhe a resposta definitiva. Serve?

Homem - Está bem. Mas não pense nem de leve em iludir-me porque será muito pior para a senhora e para a sua filha.

OPERADOR - CORRIDO DE BARFA

Atilio - (contando) Sua mãe foi imediatamente procurar-me e contou-me toda a conversa que tivera com o desconhecido. Dei-lhe, na manhã seguinte, um cheque de cinquenta contos e à noite fui com ela até ao endereço que lhe dera o miserável chantagista. Enquanto ela entrou para adquirir um diário que talvez nem existisse, eu fiquei à sua espera, na esquina próxima. Depois de uns vinte minutos de ansiosa espera, ouvi, de onde me achava, o estalar pido de um tiro. Em poucos minutos a casa estava invadida por populares

curiosos e de um deles ouvi, estarrecido, a tragédia que acabara de se desenrolar com a pobre Constança. Vi ainda, de longe, trêmulo de emoção e de desespero, quando ela saiu, acompanhada de dois policiais, em direção à delegacia de polícia. Desesperado, aturdido, tonto, não sabendo o que fazer em favor da pobre mulher, procurei o primeiro telefone ao meu alcance e lhe dei um aviso anônimo, na esperança de que você fôsse fazer qualquer coisa por ela.

OPERADOR - ACORDE AGUDO SEM CORTAR.

Celso - Foi o senhor então que...

Atilio - (corta) Sim, fui eu. E fiquei profundamente chocado quando, ao dia seguinte, soube que você nem sequer se abalara em sair de sua casa para saber o que havia acontecido. Mais tarde, visitando-a no Reformatório, vim então a saber o que se passara dentro daquele quarto onde ela fôra à procura do diário de Walkiria.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Constança - Bem... eu já lhe dei o dinheiro. Quêso, agora, o diário.

Homem - Não o tenho aqui comigo, mas amanhã de manhã, bem cedo, eu...

Constança - (cortando, firme) Nada de amanhã. O, levarei comigo agora o diário, ou você me devolverá esse cheque que tem na mão.

Homem - Deixe de violências que de nada resolvem. Eu já lhe disse que amanhã...

Constança - (cortando, ameaçadora) Eu já lhe disse que não esperarei até amanhã, a não ser que me devolva o cheque.

Homem - Não seja boba. Se quiser vir amanhã buscar o diário venha, se não quiser...

CONTRA REGRA - RUÍDO DE LUTA BREVE, MAS VIOLENTA, BERRANDO COISAS.

Homem - Que é isso? Está louca, mulher? Deixe-me ou então... (Grita) Pare com isso. Está me mordendo o braço e eu não respondo por mim! Pare com isso, já disse. Aviso-lhe de que estou armado e...

CONTRA REGRA - ESTAMPIDO FORTE DE UM TIRO. A LUTA CESSA IMEDIATAMENTE.

Homem - (no momento do tiro, dá um gemido forte) Uiii!... (Ofegante, ferido) Viii!...
Vi o que fez!...

CONTRA REGRA - BAQUE FORTE DE UM CORPO QUE CAI AO CHÃO PESADAMENTE.

Constança - (depois de pausa, ofegante e cansada) Meu Deus!... Terei... terei sido eu... quem o matou?!...

CONTRA REGRA - BATIDAS FORTES EM PORTA, SEGUNDO PLANO.

Uma voz - (afastada, gritando enquanto bate) Abrai Abra em nome da lei, vamos!...

Constança - (meia voz, afobada) O choque... Está aqui ele! Bem... agora... agora seja tudo pelo amor de Deus!...

CONTRA REGRA - RUIDO DE PORTA SE ABRINDO.

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Atilio - (contando) Depois... foi o julgamento... a condenação... o reformatório... e ela resignada a pedir-me, sempre que a visitava...

Constança - Não fale nada, por favor, e mantenha-se como eu em completo silêncio!

Atilio - Mas não é justo. Não é justo que seja assim.

Constança - E por que não? A minha vida está no fim e vale pouco. Permita, ao menos, que eu a ofereça em troca da felicidade de meu filho e minha nora. Eles não me tem amizade, mas isso não impede que eu os queira muito.

Atilio - (contando) E até ao fim dos seus dias ela me suplicou, sempre, desesperada, que eu mantivesse silêncio. No dia em que você foi escolhido para desembargador, levei-lhe umas flores. Ela chorava de alegria e me dizia, radiante:

Constança - (chorando) Este é o meu prêmio!... O grande prêmio do meu silêncio!... Bendito seja Deus!... Bendito seja Deus!...

OPERADOR - CORRIDO DE HARPA.

Atilio - Faz um ~~mes~~^{mes} que ela morreu nos meus braços e um mes que venho lutando para manter a promessa que lhe fiz de não dizer uma palavra sobre o assunto. Ontem, porém, indo à sua casa para a reunião que você ofereceu aos seus amigos pela escolha do seu nome para Desembargador, não pude mais conter o meu desespero e a minha revolta. Ela que me perdoei! Não era mais possível deixar acêsa, uma brasa que me queimava o coração!...

OPERADOR - CORTINA GRANDIOSA, FUNDE COM MUSICA DE NARRAÇÃO EM B/C.

Celso - Faz um ano que tudo me foi revelado, mãesinha!... É um ano que me sinto queimar nesta fogueira de revolta contra Diana!... Se me deixasses ao menos dizer-lhe o que sinto... Mas não, tu não queres que eu fale. Queres que eu faça, pelas minhas filhas, igual sacrifício ao que fizeste por mim: o sacrifício heroico do silêncio!... Neste momento, por exemplo, em que me sinto mais desesperado, eu noto, perfeitamente, a carícia suave das tuas mãos, afagando, com amor, os meus cabelos! É que tu sabes que as tuas mãos tem o dom de tranquilizar a minha alma e derramar uma paz momentânea sobre o meu coração!... Isso, mãesinha, assim... Continua a afagar os meus ca...

los!... A paz está voltando lentamente a envolver-me. (Vai apagando o volume e o ritmo da voz) Minhas pálpebras começam a cerrar-se docemente ao calor do teu afago... e eu presinto... que dentro em pouco... estarei mergulhado... no silêncio... do sono bom... que tú me trazes... (Respira fundo).

OPERADOR - (DEPOIS DE PAUSA) ENCERRAMENTO.

DISTRIBUIÇÃO:

| | |
|-----------------|-----------------------|
| CELSO..... | Wilson Fragoso |
| Constança..... | IGurdes Helena |
| Diana..... | Tânia Maria |
| Palmira..... | Clenira Michel |
| Atilio..... | Antônio Diniz |
| Homem..... | Gerson Luiz |
| Voz..... | Mario Hornes. |
| | |
| DIREÇÃO DE..... | Mario de Lima Hornes. |



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO DOS
SERVIÇOS DE DIVERSÕES PÚBLICAS

A

Silencio

FOI POR MIM CENSURADA E PODE SER REPRESENTADA NOS TERMOS DO REGULAMENTO EM VIGOR

PÓRTO ALEGRE, 22 / 1 / 19 29

[Signature]
CENSOR